

Fissuras do desenho – Exposição Individual de James Zortéa

Museu do Trabalho

de 19/04 a 14/05 de 2006

Fissurado pelo desenho, fissura na ponta da faca, este trabalho de James Zortéa se faz urgente à sua rotina em frente ao computador, como designer e vídeo maker .

A partir de um ambiente de assepsia, entre a mão e o artefato, James nos mostra o contraponto necessário a uma geração que quase esqueceu de usar as mãos para imprimir sua vontade em direto sobre a matéria do mundo. Esses desenhos, no Museu do Trabalho, sabem que as mãos têm vontade própria, poros abertos, inteligência e sensibilidade.

Na sala maior, linha e mancha, desenho e pintura se unem para iniciar uma lambança à base de piche ou betume em pasta, material que, embora solúvel em água, lembra graxa, asfalto, cheiro de oficina mecânica. Na sala menor, há uma espécie de gabinete desordenado de antigos desenhos, colagens, bastidores de pequenos trabalhos como origem destes mais recentes.

Os trabalhos maiores têm essa cor de sujeira, de piche misturado a lápis grafite, do preto do pastel e do branco da tinta. Num primeiro momento, o desenho é lançado em golpes da faca que lasca, feito lenha, a superfície da tela, como uma necessidade de conquista do corpo, através da luta. Mas, pouco a pouco, a intenção apaziguadora ameniza os golpes, organiza o acaso e transforma a superfície num outro corpo-desenho que adquire força física e passa a pulsar entre nós.

Teresa Poester - Porto Alegre 2 de abril de 2006